

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2236672536942>

Recebido em: 17/02/2019. Aprovado em: 16/08/2019.


ESPAÇOS DE BRANQUITUDE: SEGREGAÇÃO RACIAL ENTRE AS CLASSES MÉDIAS EM SALVADOR, BAHIA.

*SPACES OF WHITENESS: RACIAL SEGREGATION
AMONG THE BRAZILIAN MIDDLE-CLASSES IN SALVADOR, BAHIA.*

*ESPACES DE LA BLANCHEUR: RACIAL SÉGRÉGATION
PARMI LES CLASSES MOYENNES À SALVADOR, BAHIA.*

*ESPACIOS DE BLANCURA: SEGREGACIÓN RACIAL
ENTRE LAS CLASES MEDIAS EN SALVADOR, BAHIA.*

Suzana Moura Maia*

 <https://orcid.org/0000-0001-5323-6226>

RESUMO: Neste artigo, examino as formas como uma identidade branca é construída a partir da ocupação de espaços racialmente segregados da cidade de Salvador, na Bahia. Alinhando-me aos estudos críticos sobre branquitude, busco entender como os mecanismos de aproximação a uma identidade branca e a tudo o que a ela é associado funcionam como forma de distinção social das classes médias, garantindo-lhes acesso privilegiado a bens e recursos. A partir de pesquisa realizada no Loteamento Aquarius, situado na Pituba, bairro de classe média alta, examino os processos cotidianos de produção de espaços de branquitude, buscando compreender como uma cidade segregada afeta a produção de sujeitos sociais e como estes sujeitos, por sua vez, afetam a construção da cidade. A metodologia da pesquisa, ainda em curso, constitui-se em levantamento de dados secundários sobre a ocupação do espaço urbano de Salvador, e de dados primários, coletados com base em entrevistas semiestruturadas com moradores do bairro, assim como em observações etnográficas e autoetnográficas.

Palavras-chave: Branquitude; Classes Médias; Espaço; Segregação Racial; Bahia.

* Dr^a. em Antropologia; Prof^a. Adjunta IV na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, BA, Brasil; E-mail: maiasuz@gmail.com

ABSTRACT: *In this article, I examine the ways through which a White identity is constructed in the context of racially segregated spaces in the city of Salvador, in the state of Bahia. Aligned with Critical Whiteness Studies, I try to understand how the mechanisms of identification with Whiteness and all that is associated with it operates as a marker of distinction of the middle-classes, which guarantees privileged access to goods and services to these groups. My research was conducted in the Loteamento Aquarius, an area located in the middle-upper-class neighborhood of Pituba. Taking this locale as the center of my fieldwork, I analyze the daily processes of production of spaces of whiteness, trying to understand how a segregated city affects the formation of social subjects and how these subjects, by their turn, affect the construction of the city. The methodology of my work, still in progress, consists in research on primary and secondary data on city planning and construction, semi-structured interviews, and ethnographic and auto-ethnographic observations.*

Keywords: *Whiteness; Middle-Classes; Space; Racial Segregation; Bahia.*

RÉSUMÉ: *Dans cet article, j'examine la manière dont une identité blanche est construite à partir de l'occupation d'espaces de ségrégation raciale de la ville de Salvador, Bahia. En m'alignant sur les études critiques de la blancheur, j'essaie de comprendre comment les mécanismes d'approximation d'une identité blanche et de tout ce qui lui est associé fonctionnent comme une forme de distinction sociale des classes moyennes, leur accordant un accès privilégié aux biens et aux ressources. Sur la base de recherches effectuées dans l'Aquarius Loteamento, situé à Pituba, quartier de la classe moyenne supérieure, j'examine les processus quotidiens de production d'espaces de blancheur, en essayant de comprendre comment une ville ségréguée affecte la production de sujets sociaux et comment ces sujets, par leur affecter la construction de la ville. La méthodologie de recherche, toujours en cours, consiste en une enquête sur les données primaires et secondaires sur l'occupation de l'espace urbain de Salvador, des entretiens semi-structurés avec les résidents du quartier, ainsi que des observations ethnographiques et auto-ethnographiques.*

Mots clés: *Blancheur; Les Classes Moyennes; L'espace; La Ségrégation Raciale; Bahia.*

RESUMEN: *En este artículo, examino las formas como una identidad blanca es construida a partir de la ocupación de espacios*

racionalmente segregados de la ciudad de Salvador, en Bahía. Al alinearme a los estudios críticos de la blancura, busco entender cómo los mecanismos de aproximación a una identidad blanca ya todo lo que a ella se asocia actúa como una forma de distinción social de las clases medias, garantizándoles acceso privilegiado a bienes y recursos. A partir de la investigación realizada en el Loteamiento Aquarius, situado en Pituba, barrio de clase media alta, yo examino los procesos cotidianos de producción de espacios de branquitude, buscando comprender cómo una ciudad segregada afecta la producción de sujetos sociales y como estos sujetos, en su lugar, afectan la construcción de la ciudad. La metodología de la investigación, aún en curso, se constituye en el levantamiento de datos primarios y secundarios sobre la ocupación del espacio urbano de Salvador, entrevistas semiestructuradas con moradores del barrio, así como observaciones etnográficas y autoetnográficas.

Palabras clave: *Branquitude; Clases Medias; El Espacio; La Segregación Facial; Bahía.*

“Eu me considero parda, eu não acho que eu seja nem branca e nem negra, apesar de ter os cabelos cacheados – aqui tá alisado de escova – porque tem muito isso do cabelo, né? E o meu é mais escuro também, aqui tá pintado, apesar de que, quando eu era pequena, meu cabelo era loiro, mas depois, né? Loira natural só as do sul mesmo, aqui em Salvador é muito difícil, por causa dessa miscigenação toda, né?”

“O que a gente percebe é que o negro, o próprio negro, tem muito preconceito, eles às vezes se inferiorizam de alguma forma. Às vezes, percebo isto, aquela necessidade de autoafirmação: sou negro, mas estou neste ambiente que é de branco e aí de alguma forma ele mesmo acaba tendo preconceito por ter atitude que às vezes são desnecessárias. Posso te dar um exemplo: às vezes, você tá num ambiente que tem um negro. Na academia de ginástica, é uma questão de educação de berço, você usa seu aparelho e depois você bota no lugar; o negro, por ser minoria naquele ambiente que a maioria é de branco, ele não guarda o aparelho dele. Então isso me choca, porque, se ele está ali, ele é uma pessoa de valor; se ele se considera uma pessoa de valor, ele tem que ser igual a todo mundo.”

1 INTRODUÇÃO

Escolhi essas falas de Livia, uma mulher de classe média alta, de 48 anos, para iniciar este artigo por serem ilustrativas da ambivalência com que a identidade racial é definida entre as classes médias e altas de Salvador. Percebe-se que Livia, de pele clara e cabelo muito liso e tingido com manchas alouradas, não diz simplesmente “eu sou parda”, mas sim: “*eu me considero parda*”, respondendo com certo desconforto a minha questão: *como você se autoidentifica em relação a cor/raça?* De fato, Livia, assim como outras pessoas que entrevistei, hesitou em responder essa pergunta, demonstrando uma percepção de que não há, neste caso, uma resposta certa, direta, livre do contexto de fala. “Parda”, para ela, não é uma categoria afirmativa de identidade, mas uma categoria que ela acomodou entre as duas outras opções que visualizava no momento: “branca” ou “negra”, categorias definidas pelo Censo Demográfico (IBGE). A ambivalência de Livia é revelada não apenas por sua origem social e cor de pele, mas também pela textura e cor do seu cabelo, e sua manipulação estética para se adaptar a padrões de embranquecimento presentes em seu grupo social. Apontando para o fato de que o padrão “loira natural” só existiria mesmo no sul do país, ela reafirma a percepção de que a miscigenação caracteriza sua identidade regional.

No entanto, num momento posterior da entrevista, quando pergunto se ela considera o racismo um problema social, Livia reconhece quase imediatamente sua branquitude. Esse reconhecimento, eu argumento, não corresponde apenas a algo que seja intrínseco à sua identidade ou às marcas corporais usualmente tidas como referentes raciais (a exemplo da cor da pele ou tipo de cabelo), mas também ao pertencimento ao que chamo aqui de “espaços de branquitude”. Estes espaços, tal como busco demonstrar neste artigo, possuem uma estética, uma etiqueta, uma forma de se comportar e de ser no mundo. E incorporam uma qualidade que está inscrita no espaço através de uma disciplina corporal, própria dos brancos, os quais, na perspectiva de Livia, têm “uma educação de berço” a que os outros, os negros, devem imolar para que possam também pertencer. A branquitude de Livia aqui é revelada por ela saber exatamente

como se comportar numa academia de ginástica, em contraste com o comportamento adotado pelo negro, sendo este, ainda segundo a entrevistada, um comportamento de afirmação de diferença, “desnecessário”, de confronto e de “autoinferiorização” e preconceito. Isso porque ele, o negro, não estava numa academia de ginástica qualquer, mas numa academia de ginástica situada no Loteamento Aquarius, num bairro de pessoas brancas e “de valor”; sendo assim, deveria também se comportar “à altura”.

Como podemos perceber na fala de Livia, a raça deve ser entendida não apenas através das categorias identitárias utilizadas por indivíduos ou grupos para sua autoidentificação. Particularmente em cidades como Salvador, onde nem sempre a categoria “branca/o” é utilizada pelos agentes sociais, devemos entender os processos de racialização em relação a estruturas socioeconômicas e políticas mais amplas, manifestadas em contextos específicos. Assim, neste artigo, busco examinar como uma identidade branca é produzida enquanto posição de classe e forma de ver o mundo, estando associada a formas de ocupação e organização dos espaços. Meu trabalho pretende ser uma contribuição aos estudos críticos de branquitude, apontando para as intersecções entre raça e classe e examinando, empiricamente, como essas relações estão inscritas na ocupação segregada do Loteamento Aquarius, situado na Pituba, um bairro de classe média alta de Salvador, na Bahia.

Embora as intersecções entre raça e classe sejam amplamente analisadas nos estudos sobre relações raciais no Brasil, esses estudos raramente se dedicam especificamente às classes médias e à sua formação racial. Seguindo uma epistemologia colonial, as Ciências Sociais no Brasil tradicionalmente elegeram como campos de estudo apenas grupos subalternizados, como negros e indígenas, objetivados como “problema” (Guerreiro Ramos, 1954). No Brasil, apenas recentemente as classes médias ganharam certa atenção, quando do aparecimento das denominadas “novas classes médias”, que teriam emergido no país, graças às políticas públicas de redistribuição de renda e expansão do consumo, implementadas durante o governo do Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Enquanto análises mais economicistas apontavam para o aumento da renda e do poder de

compra como indicadores principais de ascensão econômica, análises sociológicas (Salata, 2016; Pochmann, 2012; Souza, 2010) mostraram-se mais cautelosas. Estas argumentam que, apesar de alguns indicadores demonstrarem mobilidade econômica ascendente, tal mobilidade seria restringida por outros fatores sociais – tais como condições de moradia, educação e saúde, contexto sociofamiliar e acesso a ocupações profissionais –, que apontam para uma persistência na estrutura de desigualdade social. No entanto, nenhum dos trabalhos mais recentes sobre as classes médias no Brasil parece ter conferido suficiente atenção à sua constituição racial.

Como largamente sabido, a estruturação das desigualdades sociais no Brasil foi um processo marcadamente racializado, tendo o fenótipo como marca fundamental para definir inclusão ou exclusão das posições sociais privilegiadas. Dada uma demografia própria, em que a maior parte da população vinda nas primeiras etapas de ocupação era constituída de homens apenas, houve, desde o início da colonização portuguesa no Brasil, ampla miscigenação racial. Resultado de encontros extremamente desiguais e violentos, homens europeus se misturaram primeiro a mulheres indígenas e depois a africanas escravizadas, gerando uma prole altamente complexa em sua aparência física e lugar social. Embora houvesse uma divisão fundamental entre senhores e escravos, a qual caracterizou todo o período colonial, havia também entre esses dois extremos uma camada intermediária, de artesãos, burocratas, bacharéis e comerciantes de vários tipos, formada por negros libertos, por brancos e/ou pardos embranquecidos ou miscigenados. Esta população miscigenada era de difícil classificação, o que demonstram os estudos históricos sobre a polissemia da categoria “pardo” e de outras a esta associadas (Paiva, 2013; Reis, 2013; Santos, 2005). “Pardos”, “pardos disfarçados”, “brancos da terra”, “quase brancos”, “branqueados”, “embranquecidos”, “morenos”, são categorias que correspondem a percepções eivadas de subjetividade e que associaram, ao longo da história, traços fenotípicos à posição dos grupos e indivíduos na estrutura social.

Se, nos estudos históricos, um cuidado especial é dado às categorias raciais intermediárias e seu lugar ambíguo na estrutura de classes (Azevedo, 1955; Nogueira, 1955), hoje os que são, de acordo

com as categorias censitárias, denominados “pardos” são equacionados à categoria “pretos”, que deriva na categoria “negros” e têm recebido pouca atenção. Enquanto a afirmação de uma negritude como posição política identitária tem sido alvo de reflexões e debates¹, os processos de afirmação de uma identidade branca são raramente examinados. A minha atenção, portanto, volta-se aqui não apenas àqueles identificados como brancos, mas também aos denominados pardos, principalmente aos pardos claros, e aos processos de embranquecimento ou afirmação de uma identidade branca. Com isso, busco contribuir para os estudos de raça e classe no Brasil, examinando: a intersecção entre branquitude, pertencimento e ascensão das classes médias a médias altas (AB)²; e os mecanismos através dos quais a aproximação a uma identidade branca funciona como fator de distinção social e mobilidade socioeconômica³. A Pituba, bairro onde o Loteamento Aquarius está localizado, conta com uma população de 65.160 indivíduos, sendo 55,50 % identificados como brancos, 36,75% como pardos e 0,65% como pretos (IBGE, Censo Demográfico 2010).

A hipótese que defendo neste artigo é a de que, contrariando pesquisas recentes as quais agregam as categorias “pardos” e “pretos” à categoria inclusiva “negros”, é mais provável que, num bairro de classe média alta, os “pardos” compartilhem com os autodenominados “brancos” uma identidade comum. Essa identidade se opõe tanto aos “pretos” quanto aos “negros”, já que ambos corresponderiam aos pardos mais escuros ou “enegrecidos” através de movimentos políticos identitários⁴. Argumento que bairros como o do Loteamento Aquarius, marcados por uma segregação espacial de moradores em

¹ Embora entenda a importância deste movimento enquanto uma luta pela afirmação de uma identidade política e de enegrecimento positivado de uma categoria inclusiva de “negros”, penso que mais atenção teórica e analítica deva ser dada a categoria racial de pardos.

² Utilizando a identidade de classe como critério de definição de pertencimento as classes médias, Salata (2016), aponta que apenas as classes definidas na categoria de renda AB no Brasil se definem como classes médias, pois tomam como parâmetro a qualidade de vida das classes médias de países centrais.

³ Tomando emprestado a teorização de Bourdieu sobre diferentes tipos de capitais, tais como capital simbólico e cultural, podemos entender, a branquitude, como o faz Reiter (2009), e também sugerido por Roediger (2007) e Lipsitz (2011) em outros termos, como uma espécie de “capital racial”.

⁴ Argumento aqui que em espaços como este devemos somar os “pardos” com os “brancos”, que daria uma categoria de branquitude de 92,25 % e não “pardos” com “pretos”, o que resultaria, a meu ver, num errôneo resultado de 37,30 % de moradores “negros” para a Pituba. Neste artigo, utilizo as categorias raciais entre aspas apenas quando discutidas em relação a definição censitária ou a estudos históricos, incorporando-as sem aspas em contextos mais etnográficos.

espaços semifortificados e condomínios fechados, constituem-se no que denomino aqui de “espaços de branquitude”. Nesses espaços, uma série de representações, práticas, *habitus* e redes sociais operam conjuntamente na reprodução de classe de seus moradores, assegurando-lhes os privilégios historicamente garantidos por sua inclusão em uma branquitude comum. Nesse sentido, busco examinar as performances de branquitude, por entender esta não como uma categoria fixa, mas como uma prática e performance associada ao lugar social e de classe a que pertencem indivíduos e grupos.

Alinhando-me aos estudos críticos de branquitude⁵, entendo o Racismo e a Supremacia Branca⁶ como um sistema socioeconômico e político que confere, aos indivíduos e grupos sociais reconhecidos como brancos, acesso privilegiado a bens, recursos e poder, em detrimento das pessoas não brancas. Por “branquitude”, entendo um conjunto de dispositivos de biopoder (Miskolci, 2012), que administra, através do controle dos corpos no espaço, a alocação de recursos materiais e simbólicos de várias ordens, garantindo os privilégios daqueles grupos que sempre ocuparam o poder e seus interstícios. Por branquitude, entendo também um lugar na estrutura de classe e raça, assim como uma ideologia, subjetividade, forma de ser no mundo e de pensar, que dá suporte e legitima este sistema político mais amplo (Bento, 2002; Frankenberg, 1993; Ware, 2004). No Brasil, apesar de certa persistência da ideologia de democracia racial (segundo a qual não haveria racismo neste país) e da percepção, a esta associada, de que “aqui ninguém é branco” (Sovik, 2009), a divisão racial da sociedade e a supremacia branca podem ser observadas no amplo espectro de cor/raça que aqui existe e que é organizado por um racismo de aparências (Nogueira, 1955) ou por uma lógica pigmentocrática (Telles, 2014). Hoje também chamada de “colorismo” no âmbito dos

⁵ Há hoje uma já extensa literatura no campo dos estudos críticos de branquitude e não cabe aqui uma revisão bibliográfica destes. Gostaria, no entanto, de pontuar apenas alguns trabalhos com que este artigo mais diretamente dialoga, tais como o de Roediger (2007) e Lipsitz (2006), nos Estados Unidos, que examinam não apenas as vantagens simbólicas da branquitude, mas se preocupam mais detidamente nos ganhos materiais de classe resultado de privilégios marcados racialmente. O trabalho de Lipsitz sobre a racialização dos espaços e a espacialização das raças (2011) é particularmente relevante a construção do presente artigo. No Brasil, os trabalhos de Piza, Bento e Sovik (2009), hoje já clássicos, se juntam a uma crescente onda de interesse sobre o tema. Ver Muller e Cardoso (2017) para coletânea de trabalhos mais recentes.

⁶ Embora no Brasil o conceito de Supremacia Branca ainda seja incipiente e diluído nos estudos críticos de Branquitude, este é um conceito que tem sido fundamental para os estudos de sistemas políticos contemporâneos. Conferir: Mills (1998) e Goldberg (2009).

movimentos negros, esta forma de racismo, não menos perversa que outras formas de racismo, é constatada tanto pelos estudos clássicos de relações raciais quanto por estudos mais recentes de branquitude e seus vários tons (Pinho, 2009; Schucman, 2014). A hierarquia racial no país e a supremacia branca continuam a determinar a possibilidade de vida das pessoas e grupos das mais variadas formas possíveis: no sistema educacional e de saúde, nas taxas de mortalidade e natalidade, nas formas de lazer, nos salários, e, como espero aqui demonstrar, na ocupação das cidades, na administração urbana, na arquitetura dos edifícios, na alocação de infraestrutura viária, na distribuição das praças e nos espaços no interior dos lares.

Escolhi o Loteamento Aquarius para meu universo de pesquisa por dois motivos. Primeiro, por acreditar que esse seja um caso ilustrativo de um processo mais amplo de segregação social, em que as variáveis de raça e classe se intersectam para determinar uma ocupação seletiva e desigual de determinados espaços da cidade. Segundo, pelo acesso privilegiado que possuo a esse bairro, onde tenho relações familiares e de amizade, pois é conhecida a dificuldade, muitas vezes encontrada na antropologia, em se estudar as classes mais abastadas da sociedade. Além de observações etnográficas, realizei também entrevistas semiestruturadas com 10 moradores (5 mulheres e 5 homens), que me receberam em suas casas e que aceitaram refletir comigo sobre suas preocupações, anseios e escolhas. Dois critérios iniciais orientaram a escolha dos entrevistados: que vivessem no bairro e que tivessem participado das manifestações pró-impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, momento em que eu realizava mais sistematicamente o trabalho de campo. Eu queria, com isso, entender como o espaço está associado a percepções políticas e posições capazes de mobilização e suporte ao que tem sido chamado de “a onda conservadora” no país (Demier e Hoeveter, 2016). As entrevistas foram organizadas em três blocos, que tiveram por temas centrais: escolha de moradia e representações sobre o lugar; estilo de vida e relações domésticas; e política. No entanto, neste artigo, concentro-me apenas na primeira parte desse projeto mais amplo, direcionando minha atenção para os dados que dizem respeito mais diretamente à construção de espaços segrega-

dos na cidade, assim como para as formas e trajetórias de ocupação por seus moradores e aos percursos destes na cidade.

Este artigo está organizado em duas partes. Em primeiro lugar, apresento um breve levantamento bibliográfico e dados secundários sobre a construção histórica e a configuração atual da geografia de Salvador, atentando para a intersecção entre raça e classe na organização dos espaços da cidade. Em segundo, examino o caso do Loteamento Aquarius, sua disposição socioespacial, o perfil de seus moradores, as motivações que fizeram com que estes escolhessem esse lugar de moradia, suas trajetórias residenciais, seus percursos na cidade, assim como o cotidiano do bairro, a formação de redes reciprocidade, de amizade e vizinhança. Nas duas partes, busco evidenciar como a segregação espacial está relacionada à reprodução das desigualdades sociais, através da estruturação do acesso a bens, serviços, vantagens e privilégios, assegurados àqueles que pertencem à branquitude.

2 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SEGREGADO EM SALVADOR

“O design, a construção, administração, financiamento e policiamento de *shopping centers*, quadras de esportes, escolas, avenidas e corredores de trânsito seguem uma lógica racial [...]. Recursos públicos são pilhados para ganhos privados, canalizando subsídios massivos e isenção de impostos para corporações e investidores afluentes, enquanto diminuem serviços municipais e impõem novas exigências aos moradores de propriedades populares. Esta espacialização urbana faz com que a segregação racial pareça desejável, natural, necessária e inevitável. Mais importante ainda, serve para produzir e sustentar significados raciais, pois performa uma pedagogia pública sobre quem pertence a onde e sobre o que faz com que certos espaços sejam desejáveis.” (Lipsitz, 2011, pg. 15, tradução minha)

Por ocasião da Copa do Mundo em 2014, a Prefeitura Municipal investiu, nas proximidades do Loteamento Aquarius, contra uma área intersticial conhecida localmente como “Favelinha”. Localizada na Avenida Juracy Magalhães – que acompanha o Rio Camaragibe, o qual dá nome ao Vale – e diretamente em frente a um supermercado de

grande porte, o G-Barbosa, a Favelinha, um aglomerado de casas populares e pequenos comércios informais, era uma paisagem incômoda aos olhos das classes médias e altas que moravam em sua cercania. Moradores dos edifícios residenciais das imediações reclamavam do barulho e da baderna feita por meninos e jovens negros que tinham, nos vários pequenos serviços de lava-jato que ali se localizavam, o seu sustento. À noite, dois pequenos bares e um restaurante de maior porte recebiam uma clientela misturada, que se constituía principalmente em pessoas das classes médias mais baixas que viviam em bairros vizinhos. Por ali, também circulavam, nas horas ainda mais tardias da noite, pessoas bem pobres, negras, catadores de lixo que utilizam a área como ponto de apoio para guardarem o papel a ser reciclado, coletado do G-Barbosa.. Havia rumores de que essas pessoas, principalmente os homens mais jovens, poderiam ser também traficantes ou ladrões e de que, portanto, a área estaria concentrando marginais em seu entorno. A missão da Prefeitura, através de seus diversos órgãos, era “limpar” a área de sujeitos indesejáveis e “valorizar” aquela via de acesso entre o novo centro financeiro e a “orla” da cidade, mais adiante. Enquanto o modo de vida, os comércios e o cotidiano das pessoas da Favelinha eram devastadas pelo maquinário da prefeitura, os moradores do Aquarius passavam impávidos dentro de seus carros com ar-condicionado. Alguns apenas ignoravam o acontecimento, outros se colocavam abertamente a favor da higienização social que substituiu corpos de jovens negros pelo cimento armado dos parques vazios. Outros, ainda, se indignavam, mas nada viam de concreto que pudesse ser feito. E seguiam adiante.

Esse foi apenas um dos mais recentes eventos no longo processo de transformação da cidade envolvendo a intervenção das instituições públicas e privadas na remoção e destruição de moradias e comércios de populações negras e pobres, um processo de gentrificação ou “higienização” de áreas da cidade para uso exclusivo das classes mais abastadas, de pessoas brancas. A existência do Loteamento Aquarius é resultado desse longo processo, que começa no período colonial e atravessa diversas etapas, cada uma delas caracterizada por uma forma específica de organização espacial. O regime escravocrata, vigente no país por mais de três séculos, deixou marcas

indelévels em sua estrutura social e está inscrito na geografia e ocupação espacial da Salvador contemporânea. Com cerca de 3 milhões de habitantes, Salvador é hoje uma cidade extremamente segregada, com áreas de extrema pobreza entremeadas a outras de extrema riqueza e a camadas intermediárias. Essas áreas convivem entre si e umas com as outras de forma complexa, entremeadas de ambiguidades, afetividades, conflitos e violência material e simbólica.

A expansão para a área da cidade onde está localizado o Loteamento Aquarius teve início na década de 1970 e foi o resultado da expansão tardia das classes médias na Bahia, que teve início a partir da década de 1950, com a exploração do petróleo na Baía de Todos-os-Santos (Oliveira, 2003). Após o longo período de estagnação que se sucedeu à decadência da indústria açucareira, tem então início a industrialização do estado, principalmente da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Em 1954, é inaugurada a Refinaria Landulfo Alves; em 1967, o Centro Industrial de Aratu; a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) também é criada nesta década, seguida pelo Polo Petroquímico de Camaçari, em 1975, impulsionando a oferta de empregos, bens e serviços diversos. Uma massiva migração rural-urbana de trabalhadores não qualificados, pobres e negros se seguiu, ao lado de uma pequena, mas significativa, migração de membros das burguesias e latifundiários locais e de descendentes de segunda e terceira geração de imigrantes europeus, vindos das regiões Sul e do Sudeste⁷. As transformações na economia, com abertura massiva de novos postos de trabalho, tiveram efeitos diretos nos padrões de segregação espacial de Salvador (Castro, 1998; Guimarães, 1987; Carvalho e Pereira, 2006; Souza e Faria, 1980).

À reestruturação de classe e sua distribuição racial se segue uma nova preocupação sobre a organização da cidade e a administração mais sistemática do território urbano, com diversos estudos e legislações dedicados ao planejamento da cidade. Marco na transformação da geografia de Salvador é a promulgação de novas leis de uso de terras, como a Lei nº 2.181, de 1968, que legitimava a ven-

⁷ Descendentes dos quase cinco milhões de imigrantes europeus que chegaram no país ainda no início do século XX para suprir a demandas de mão de obra da indústria cafeeira e para cumprir o projeto de “embranquecimento” da nação (Skidmore, 1989), e que conformaram uma configuração racial própria às classes médias do sul e sudeste (Lesser, 1999; Owensby, 1999; Weinstein, 2006).

da de terras públicas da prefeitura para empresas particulares. Essa transferência de terras beneficiou o capital imobiliário, através das empresas de construção civil e especuladores, que adquiriram áreas inteiras por um preço ínfimo e, logo depois, com a implantação de equipamentos urbanos, tiveram seus investimentos desproporcionalmente valorizados. Num amálgama entre interesses públicos e privados, já naquela década, empresas privadas, tais como a Odebrecht e a OAS, foram contempladas com negociações que as beneficiaram diretamente⁸. Essa Lei, que garantiu a comercialização de terras urbanas afastadas do centro da cidade, foi implementada em consonância com a criação de bancos de financiamento habitacional. O Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro Habitacional (SFH) foram dois mecanismos utilizados, particularmente durante a ditadura militar⁹, para a transferência de recursos do Estado para as classes médias e empresas privadas de construção civil. Desta maneira, através de financiamento habitacional e investimento público em infraestrutura em áreas destinadas às classes médias e altas (majoritariamente brancas), em detrimento das regiões ocupadas pelas classes populares (em sua maioria, negras), foi definido um novo modelo de segregação espacial em Salvador.

Para atender a uma nova lógica de transporte urbano – a qual passa a priorizar automóveis e tornar obsoletos os antigos bondes urbanos –, foram construídas, entre o final dos anos de 1940 e 1970, extensas vias de circulação, estratégicas¹⁰, formando um imbricado sistema viário. Tais avenidas cortam a cidade a partir dos vales e confluem para o Vale do Camaragibe (onde, mais tarde, é construído o Loteamento Aquarius), que passa a se constituir num novo “centro” e num *hub* fundamental para a nova geografia sociorracial da cidade¹¹. A implantação e expansão do novo sistema viário implicou uma reorganização racial do espaço, com o deslocamento forçado de uma população trabalhadora, pobre e negra, que vivia nas encostas,

8 A OAS era então ligada a Antônio Carlos Magalhães, não coincidentemente prefeito de Salvador entre 1967 e 1970, e governador da Bahia entre 1971-75 e 1979-83 (DENÚNCIA, 1982 apud SANTOS, pg 89).

9 Ver Quadros (1991) para análise da expansão das classes médias durante o regime militar.

10 Tais como as avenidas Centenário (1949), Vasco da Gama (1959), Tancredo Neves (1968), Mario Leal Ferreira, conhecida como Bonocó (1970), Barros Reis, (1975), Luiz Viana Filho, a “Paralela”, (1971), Anita Garibaldi (1977), e Juracy Magalhães (1978), dentre outras.

11 Ver Santos (2013) sobre Salvador como uma cidade “poli(multi)nucleada”.

nos fundos dos vales e em lugares mais distantes do centro da cidade que se tornaram bairros de moradia para as classes médias e altas, brancas e/ou embranquecidas (Brandão, 1980; Espinheira, 1989; Brito, 1993)¹². Também na década de 1970, foram construídas a Rodoviária e o “Iguatemi”, primeiro *shopping center* da cidade, o que se constitui num marco nas transformações das formas de consumir e dos espaços de consumo, socialidade e lazer. Enclaves geográficos que concentravam locais de moradia e consumo, além de serviços diversos – como escolas, escritórios, bancos, área de lazer e entretenimento, restaurantes, academias, postos de gasolina, hospitais e salões de beleza – tornaram-se os mais valorizados da cidade. As moradias coletivas, que antes eram associadas a cortiços, foram verticalizadas, higienizadas e passaram a representar um novo padrão de moradia das classes médias. Em Salvador, os condomínios fechados, os “loteamentos” e os enclaves fortificados se multiplicaram nas décadas de 1980 e 1990 (Arantes, 2013).

Assim como em outros lugares do país e do mundo¹³, as classes médias e elites de Salvador começaram a se isolar geograficamente das outras classes sociais. Constituindo-se em projetos arquitetônicos urbanísticos próprios (Ellin, 1997), estes espaços atendem aos elementos básicos que Caldeiras, em seu estudo pioneiro, identifica na composição de um “novo conceito de moradia”: segurança, isolamento, homogeneidade social, equipamentos e serviços (2000, p. 265). Enquanto a maior parte da população vive em condições precárias de urbanização e saneamento, num mundo caracterizado pela marginalização e subcidadania; as classes médias e altas se protegem em espaços exclusivos, que, na confluência entre raça e classe, são também “espaços de branquitude”.

¹² Em 1968, ocorre uma das primeiras remoções forçadas de bairros pobres da cidade, a favela “Bico de Ferro”, seguida ainda das remoções de outras tais como Cai Duro, União Paraíso e a Polêmica, todas situadas na área de expansão do vale do Camurujibe, por dentro, e da Orla Oceânica, seguindo a Avenida Otávio Mangabeira, conhecida hoje simplesmente como a “Orla” (Brito, 1993)

¹³ Conferir: Heiman, Freeman e Liechthy (2012), Davis (2006), e Low (2003).

3 O LOTEAMENTO AQUARIUS: ESPAÇO, PERCURSOS E REPRODUÇÃO DE CLASSE

O Loteamento Aquarius é situado no coração de um novo centro da cidade, numa região delimitada pelas avenidas Prof. Magalhães Neto, de um lado, e Paulo VI, de outro, que ligam o *hub* comercial do Vale do Camaragibe à área da Orla Oceânica. Aprovado como loteamento pela Câmara Municipal de Salvador, em 1973, a urbanização sistemática desta região só tem início de fato na década de 1990. Hoje, o Aquarius é composto por um conjunto de condomínios fechados, cada um destes constituído por um ou dois edifícios ou “torres”, com uma altura mínima de quinze andares. Demarcados por muros e sofisticada tecnologia de segurança, esses condomínios possuem uma estética própria, com arquitetura de exclusividade e precisas regras de exclusão e inclusão. Os edifícios, comerciais ou residenciais, são protegidos por uma série de câmeras colocadas estrategicamente no interior e no exterior dos prédios. Cada condomínio, que pode ter um ou dois edifícios de moradia interligados, conta com seu próprio serviço de segurança, e os porteiros e “seguranças” habitam as guaritas de vidro fumê escuro, de onde observam o movimento de entrada e saída de pessoas. O Loteamento também conta com rondas policiais frequentes, feitas pela polícia municipal de Salvador.

A ausência de transporte público na área restringe seu acesso àqueles que têm carro e reduz a circulação daqueles que não pertencem ao lugar. Os muitos empregados que trabalham nos edifícios e nos pequenos comércios fazem a pé o percurso entre a larga Avenida Professor Magalhães Neto, que margeia o Rio Camaragibe (transformado em esgoto a céu aberto), e seus respectivos locais de trabalho, andando desconfortavelmente nas ruas vazias, compostas de muros altos, que ligam os edifícios. Embora não haja guaritas coletivas demarcando as fronteiras de entrada e saída do loteamento, há outros marcadores de fronteiras, simbólicas e materiais, que fazem com que a circulação de pessoas não moradoras ou que não tenham relação de amizade ou parentesco no bairro seja limitada. No interior de cada condomínio, situa-se uma série de facilidades que transmitem segurança, atmosfera de conforto, qualidade de vida, bem-estar, tranquilidade e bom gosto.

Além de piscinas para crianças e adultos, há também o *playground*, área de trânsito entre os elevadores e os outros equipamentos, e os portões de saída. Com pequenas variações entre eles, a maior parte dos condomínios possui também parque infantil, brinquedoteca, biblioteca, salão de festas, quadras de esportes, saunas, academia de ginástica, jardins e garagens para pelo menos dois carros, dentre outros equipamentos, que têm por função suprir as necessidades de proteção, lazer e socialidade de seus moradores e familiares.

No interior desses condomínios fechados e enclaves semifortificados, habita um tipo peculiar de morador/a, autodefinido como “classe média”, apesar de sua renda familiar e ocupação os posicionarem na faixa AB, o que corresponderia a uma classe média alta¹⁴. O Aquarius abriga uma pletera de profissionais liberais – em sua maioria, possuindo educação de nível superior –, tais como médicos, dentistas, psicólogos, advogados, assim como administradores e economistas que ocupam cargos de direção em empresas estatais e privadas, nacionais e transnacionais. Muitos são filhos de proprietários de terras ou da pequena burguesia do interior do estado, enquanto outros vieram do Sul e Sudeste do país em busca de oportunidades que foram abertas com a tardia industrialização da Bahia e a financeirização da economia, que trouxe novos postos de trabalho para Salvador. Ali, brancos de fora (descendentes de uma imigração europeia mais recente e considerados mais “puros”) avizinham-se aos “brancos da terra” (descendentes de uma imigração europeia mais antiga e com mais chances de serem miscigenados), unindo-se numa branquitude comum. Essa branquitude, além de uma categoria identitária, constitui-se no que Bourdieu (2008) define como *habitus*, ou seja, disposições, valores, visões de mundo, estilos de vida, moralidade, formas de lazer, assim como formas de habitar a cidade, que conformam marcadores de distinção e fronteiras sociais.

Em tais espaços de branquitude e classe, apenas aqueles considerados como iguais ou semelhantes a partir desses “marcadores de distinção” é que são “merecedores” de pertencimento ao grupo. No interior desses espaços e em lugares a eles conectados por uma

¹⁴ Ver nota de rodapé anterior para a problematização da categoria “classe média no Brasil” feita por Salata (2016).

cartografia própria de branquitude na cidade, são estabelecidas redes de reciprocidade e aliança entre aqueles que podem ser considerados “brancos o suficiente”. Nesses espaços de branquitude, são formadas, pois, alianças, amizades, matrimônios, circuitos de presentes e contrapresentes e comemorações, ao tempo em que também se compartilham identidades, moralidades, afetividades, oportunidades de trabalho, negociações financeiras e acesso a bens e recursos privilegiados¹⁵. As demarcações das fronteiras materiais e simbólicas desses espaços socialmente homogêneos e segregados têm, portanto, consequências fundamentais na reprodução da desigualdade social, na medida em que posicionam, de forma diferenciada, indivíduos e grupos numa estrutura social extremamente hierárquica.

Nesta seção, examino as trajetórias de vida dos moradores do Loteamento Aquarius, seus itinerários e geografia de ocupação dos espaços dentro e fora dos condomínios; para isso, utilizo-me de dados etnográficos e autoetnográficos e de outros advindos de entrevistas realizadas com as mulheres do bairro¹⁶. As mulheres que fazem parte deste estudo estão posicionadas como mulheres brancas, de classe média, heterossexuais, casadas, entre os 45 e 55 anos, que possuem um tipo normativo de família monogâmica, idealmente com dois filhos. Todas elas estudaram em colégios particulares e cursaram cursinhos pré-vestibulares, ingressando em universidades públicas e privadas, como a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Católica e a UNIFACS. Médicas, advogadas, administradoras de empresas, psicólogas, dentre outras profissões liberais, a maioria são mulheres bem-sucedidas. Com bons empregos e com um salário que, junto aos de seus maridos, permite-lhes ter acesso àquele tipo de moradia, estão longe de aceitar os velhos papéis de donas de casa passivas, que vivem apenas para a reprodução familiar, embora esta ainda seja uma função crucial que exerçam. São mulheres que, como eu mesma, cresceram numa geração a qual valorizava a independência feminina e o desejo

15 Ver Lamont (1992) para pesquisa pioneira sobre correlação entre percepções estéticas, valores morais e oportunidades de trabalho, tal como manifestas por pessoas pertencentes a elites empregadoras por ela entrevistadas.

16 A utilização do recorte de gênero faz parte de uma escolha metodológica associada com o projeto maior em que este artigo se insere. Além das questões relativas à ocupação do espaço, uma parte do projeto, ainda em desenvolvimento, explora questões como o cuidado de si, a relação com empregadas domésticas, e a ansiedade em torno da educação dos filhos, que tratarei em artigos futuros.

por uma liberdade compatível com os valores cristãos centrados na família, que acreditava nos estudos e no esforço pessoal como meio de alcançar os objetivos que haviam traçado a partir de um campo de possibilidades que lhes era relativamente amplo.

Além de seu lugar na estrutura de produção e ocupacional, o que confere a identidade de classe média a essas mulheres é seu estilo de vida e consumo, sua percepção de bem-estar, sua relação com indivíduos e grupos sociais de outras classes e raças, assim como os espaços que ocupam na cidade e a forma como os ocupam. As mulheres que vivem no Aquarius podem ser definidas por uma variedade de categorias, por vezes intercambiáveis, tais como “peruas”, “madames”, “donas de casa”, “profissionais” e “mães de família”¹⁷, que demonstram a multiplicidade e complexidade dos papéis sociais que cotidianamente elas exercem. As cinco mulheres que entrevistei – chamadas aqui ficcionalmente de Lívia, Ana Paula, Juliana, Eliana e Vera – passaram grande parte de suas vidas em condomínios fechados, desde quando estes começaram a se estabelecer em Salvador enquanto ideal de moradia, na década de 1980.

As trajetórias de moradia dessas mulheres em Salvador, antes de se mudarem para o Aquarius, incluem os seguintes bairros: Pituba (área mais antiga, próxima à Orla Oceânica), Costa Azul, Itaigara, Piatã, Graça e Ondina, apenas, o que demonstra uma área bastante restrita de circulação residencial na cidade. Estes são bairros que se caracterizam não apenas por sua homogeneidade interna de classe e raça (média-alta, branca/parda – com exceção do Costa Azul, classe média-média), como também pelo seu afastamento geográfico relativo de áreas de ocupação popular/negra. Quando perguntado às cinco mulheres que bairros, senão o Aquarius, escolheriam para morar, as respostas se restringiram ainda mais, concentrando-se em outro lugar do próprio loteamento e suas adjacências, particularmente o Caminho das Árvores. Este bairro foi formado, inicialmente, por casas unidomiliares das elites e classes médias altas, casas estas que hoje têm sido substituídas por edifícios de moradia, mais altos, com apartamentos maiores e mais “sofisticados” que os do Aquarius e ocupados por

¹⁷ Estas categorias, identificadas em trabalho etnográfico, estão também sendo analisadas em artigos ainda em andamento. Ainda em outros artigos em andamento, desenvolvo mais amplamente o conceito de autoetnografia, aqui empregado de forma fluida.

famílias que se encontram em ascensão social. Apenas uma entrevistada disse considerar outro bairro, Piatã, pela proximidade da praia.

Todas as mulheres que entrevistei se mudaram para o Loteamento Aquarius quando se casaram, ou ainda com filhos pequenos, tendo em mente que iriam morar numa região com fácil acesso a seus lugares de trabalho, escola para os filhos, segurança e equipamentos variados que facilitariam sua mobilidade na complexa e caótica malha viária de Salvador. Tinham também em mente que aquela parte da cidade correspondia a um ideal de modernidade e apontava para o futuro. De igual forma, elas valorizam um local que seja protegido de misturas com outros grupos sociais os quais não correspondem ao tipo de comportamento considerado adequado para si e para sua família. Eliana, por exemplo, coloca o seguinte, quando pergunto quais as motivações que a levaram a escolher o bairro:

R - Quando minha filha nasceu, meu marido falou: “não, a gente tem que mudar para um lugar melhor”. O apartamento que a gente morava no Costa Azul era poente, muito quente, aí a gente procurou um em que a gente pudesse viver muitos anos. Então a gente estabeleceu metas, tipo assim, tinha que ser nascente, ter varanda e num bairro que fosse bom, entre aspas, um bairro que não fosse muito afastado, entre aqui, Pituba e Barra, não teve assim muita escolha não, a gente quis morar num lugar bom, agradável.

P - O que é um lugar bom?

R - Bom, assim, que não seja um bairro popular, não porque o bairro seja popular, mas por tudo que tem no entorno: confusão, baderna, assim... E que fosse perto do trabalho. A gente priorizou também um bairro em que nossa filha tivesse segurança e pudesse estudar próximo.... O que mais valorizo aqui é a tranquilidade, a segurança, porque é perto de tudo, tem um mercadinho, academia, pracinha, salão de beleza, a escola de Pedro, que é só atravessar a rua. Um bairro de fácil acesso, perto de tudo, tem farmácia perto, supermercado, do *shopping*.

A visão de Eliana é uma visão comum entre as classes médias e está associada à sua trajetória pessoal e de grupo. Eliana é filha de pais espanhóis, que chegaram ao Brasil na década de 1960. Seu pai, um técnico mecânico, viera para o país, por dois anos, para

trabalhar na instalação de uma fábrica de fiação no interior de São Paulo. Passado esse período, no entanto, ele recebeu propostas de trabalho similar em outras partes do país: primeiro, na Paraíba, onde sofrera um acidente de trabalho; depois, em Petrolina, onde um conterrâneo espanhol planejava abrir uma fábrica de massas. Seguindo as aspirações de classe média comum em outras cidades do interior do país (onde, naquela época não havia universidades), Eliana fora enviada para Salvador a fim de dar continuidade a seus estudos. Foi recebida por uma de suas irmãs mais velhas, que, casada, havia se mudado para a cidade com o marido e trabalhava como secretária de diretoria da COELBA¹⁸. Assim como eu mesma e muitas mulheres de sua geração, Eliana estudou em instituições de ensino privadas direcionadas para as classe médias, como o Instituto Social e o curso pré-vestibular do Sartre. Ingressou no curso de Economia da Universidade Católica de Salvador, e, durante a graduação, conheceu Sérgio, que já trabalhava como consultor para uma empresa multinacional e recebia o que era considerado um “bom salário” na época. Depois de formados, eles se casaram e, logo após o nascimento da primeira filha, o casal decidiu em conjunto que ela iria parar de trabalhar por alguns anos, para se dedicar exclusivamente à família. Moraram primeiro num apartamento pequeno, num bairro adjacente de classe média-média, Costa Azul, mas logo viram a necessidade de algo melhor, mais arejado, num bairro “melhor” e mais perto do local de trabalho de Sergio e de escolas para seus filhos.

Sérgio trabalha no Salvador Trade Center, edifício de escritórios localizado no novo centro financeiro da cidade, adjacente ao Aquarius. Após alguns anos em que ficou “parada”, Eliana voltou a estudar e se formou em Psicologia, também pela Católica. Graças a suas redes sociais, mesmo antes de se graduar, ela começou a trabalhar numa clínica para dependentes químicos, localizada também na Pituba. No Aquarius, estão localizadas duas escolas particulares, o Colégio Anchieta, um dos mais caros da cidade, considerado um colégio “de elite” e “conservador”, e o Colégio Mendel. Numa área próxima, está também localizado o Colégio Oficina, preferido das classes médias mais liberais. Vivendo ali, os filhos podem ser leva-

¹⁸ Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia.

dos a pé para a escola, pelas mães ou babás, o que resolve tanto a questão de mobilidade numa cidade de trânsito caótico e de sistema público deficiente, quanto a questão da segurança.

A questão de segurança, como largamente demonstrado na literatura (Arantes, 2013, Caldeiras, 2000; Moura, 2006), é crucial para a escolha do lugar de moradia e abarca, além do medo da criminalidade (como de assaltos e sequestros), um julgamento moral sobre os costumes que são considerados ameaçadores da ordem social¹⁹. Na fala de Eliana, o que define um bairro bom é “não ser um bairro popular”, associado a “baderna”, entendida como barulho de som de carros, pagode e fala alta, performada por pessoas negras e que, a qualquer momento, pode explodir numa “confusão”, “discussão”, “briga”, e, por vezes, “morte”. Um bairro bom, agradável e tranquilo é o oposto destes lugares. Num bairro bom, seguindo os padrões de classe média vigente, evita-se ouvir músicas associadas a uma estética negra, como o pagode, e as brigas, quando acontecem, são abafadas no âmbito familiar (Maia, 2017).

Além de mobilidade e segurança, a escolha de lugar de moradia é calculada a partir de uma constelação de considerações outras que incluem ideais de modernidade e futuro e delineiam as escolhas dos circuitos e lugares percorridos na cidade. O lazer acontece, em grande parte, nos espaços semiprivados dos *shopping centers*, em casas de amigos, festas e jantares em que se consomem comida *gourmet* e vinhos importados. Nas cercanias do Loteamento Aquarius, estão situados dois *shopping centers* de grande porte. O conhecido como Iguatemi, por seu nome original, hoje *Shopping da Bahia*, primeiro *shopping* da cidade, e o *Shopping Salvador*, criado em 2007. O *shopping* preferido das famílias que residem no Aquarius é o segundo, onde a maioria dos comércios e serviços é direcionada especialmente para as classes médias altas. Seguindo a segregação espacial dos próprios *shoppings*, raramente essas famílias vão ao *Shopping Iguatemi*, mais heterogêneo em sua composição de classe e racial. Quando vão, dirigem-se diretamente ao terceiro piso, pois apenas aí se encontram as lojas compatíveis com seu “nível” e estética, não coincidentemente as mais caras. Estas pessoas se sen-

¹⁹ Para estudo sobre moralidade e segregação social entre as classes médias de Salvador, ver Maia (2017).

tem à vontade nestes lugares, onde demonstram sua competência em consumir e sua “capacidade de pagar” (Lima, 2008), algo que lhes dá prazer e que lhes confere pertencimento de grupo de classe e distinção de outros grupos sociais. Os *shopping centers* são destinados às compras de vestuário, acessórios e peças de casa, assim como ao lazer. É apenas nos *shoppings* que crianças e adultos vão ao cinema, principalmente crianças acompanhadas de seus pais e adolescentes em companhia de amigos. Também vão, em família ou nesses grupos de adolescentes, às “praças de alimentação”, onde frequentam desde o *fast food* do McDonalds aos mais elaborados restaurantes japoneses e de comida *gourmet*. Esses são, graficamente, espaços de branquitude, definidos não apenas pela cor da pele das pessoas que ali circulam, mas por tudo aquilo que o ser branco representa: poder, privilégio, dinheiro e exclusividade de ocupação²⁰.

Além dos espaços do *shoppings* e restaurantes, é no âmbito das próprias casas, casas de praia e casas de amigos, que o lazer é praticado, reforçando as redes de afetividade e de contato, central para a formação de grupos de identidade.

R- A gente faz muito em casa de amigo, vai para a casa de amigo, leva um vinho, leva uma coisinha. Todo fim de semana, a gente sai, vai jantar com os amigos, tomar um vinho. Semana passada mesmo, a gente passou na casa de Sara, mas aí foi o final de semana todo, fomos sexta à noite e só voltamos domingo. É bom porque as crianças também se divertem umas com as outras, vão à praia, jogam futebol, e a gente se diverte.

Os itinerários que percorrem na cidade são limitados a esses e a outros espaços de branquitude a eles conectados. De dentro dos carros com ar-condicionado e vidros fumês (sempre fechados), observam apenas à distância – ou, de fato, quase não vêem – as favelas e casas populares, situadas nas encostas que ladeiam as avenidas de asfalto por onde circulam. Invisibilizados, estes são espaços vedados à entrada dos moradores do Aquarius, salvo as raras vezes em que vão às casas de suas empregadas domésticas. Como nas cidades

²⁰ Ver Caldeiras (2014) para uma análise dos “rolezinhos”, quando jovens desafiaram sua exclusão de *shopping centers* nas regiões do Sudeste.

colonizadas e ontologicamente cindidas descritas por Fanon (1968), estes são espaços de perigo, que pertencem a um mundo completamente estranho a eles, em seu *habitus*, em sua estética, em sua música, em sua pobreza, em sua negritude.

Por sua vez, a área do antigo centro, que vai do Rio Vermelho à Cidade Baixa, atravessando todo o centro comercial e a parte histórica do Pelourinho, é percebida com um olhar turístico, como quem visita um país exótico, ou referido apenas ao passado, e não ao presente ou ao futuro. Juliana, de 47 anos, médica, com dois filhos pré-adolescentes, filha de pai francês e mãe do interior da Bahia, ambos acadêmicos, também corrobora com essa visão de uma cidade cindida:

R- Centro da cidade? Muito pouco. Sempre quando eu tenho visitas em casa, a gente vai lá e mostra a cidade, vai mostrar o Pelourinho, mostra os museus, as igrejas... quando os meninos estudaram a cidade de Salvador, a gente fez, foi visitar com eles. Foram projetos encantadores, um sobre o centro da cidade, quem era a mulher de Roxo, a Avenida Sete, a Rua Chile, então eles estudaram essa parte da cidade, então é muito interessante, e depois eles apresentam para o resto da escola.

Nem mesmo os bairros de classe média e alta, situados mais ao centro, são muito frequentados, pois são vistos como pertencendo apenas ao passado, o lugar onde ainda vivem os poucos parentes mais velhos, já que muitos destes também se mudaram para as regiões novas, pela proximidade de seus filhos. Como coloca Vera, 52 anos, médica:

R - Eu vou ao centro da cidade porque minha sogra mora no Campo Grande, mas eu acho que é outro mundo, uma cidade velha, onde já não acontecem as coisas todas, eu não tenho facilidade de mercado, de escola. Não iria pro lado de lá não. Uma coisa mais passada, a sensação de que a vida tá continuando para o lado de cá, as famílias se formando, os jovens; antigamente você tinha a Graça, a Barra, mas hoje ficaram os pais e os avós, e as famílias novas começaram a crescer do Horto para cá. Então isso me anima mais, o movimento das pessoas, esta coisa mais antiga é para outro estágio de vida.

Muito raramente, ou quase nunca, circulam em bairros populares do centro, em que as pessoas ou a estética negras sejam a maioria ou a norma dominante. Mesmo nas poucas vezes em que se aventuram no carnaval da cidade, fazem-no apenas nos circuitos seguros dos camarotes privados, para onde muitas vezes são conduzidos por seguranças contratados para este serviço. Tais percursos “turísticos” na cidade devem ser pensados em associação com outros percursos turísticos que traçam em outros lugares do país ou no exterior. A frequência de viagens e o local de destino variam e estão relacionados à situação de classe específica que ocupam no interior das classes médias, se ascendente, descendente ou estável. O ideal é realizar, ao longo do ano, uma viagem para outro estado do país, uma para o exterior e outras, menores, para um lugar de praia ou para visitar parentes no interior da Bahia. Lívia, apresentada no início deste artigo, psicóloga, de 48 anos, casada com um jovem advogado que trabalha num alto escalão da burocracia do estado como auditor público, assim coloca:

R - É isso, mas, tipo assim, o ano passado mesmo, a gente foi com os dois pra Londres e depois para a Espanha, que eles queriam assistir o jogo, porque eles torcem para a Argentina e queriam ver o jogo Argentina x Liverpool, e a gente foi para Barcelona e Madrid, que é difícil pra fazer.

R - A gente viaja... vamos botar assim uma média de uma viagem internacional por ano e uma viagensinha por aqui, por exemplo, feriado longo, a gente vai ali em São Paulo, no Rio... Da Europa, fomos para a França; Inglaterra, já fomos duas vezes; Barcelona; Madrid, duas; Portugal, umas três; aí fomos para Nova York, Estados Unidos, pro México. A América do Sul a gente conhece quase toda. Peru, Argentina, Chile.... Agora a gente não vai viajar mais com os meninos para o exterior, vamos viajar com os amigos, porque eles querem fazer a viagem deles e a gente, outra.

Além de viagens com família e amigos, há também as viagens dos filhos a outros lugares do país e exterior, que precisam ser realizadas a fim de que o pertencimento destes ao grupo de referência seja garantido. Como coloca Ana Paula, advogada, de cabelos naturalmente loiros e de olhos azuis, neta de italianos que se mudaram para São Paulo durante a segunda guerra mundial e que vieram para Salvador na década de 1970:

R - É isso, você quer oferecer a seu filho um colégio que tenha a condição de preparar para os estudos, mas ao mesmo tempo vem no pacote situações e condições de permanência nesse nicho, viagem para Disney, ter o telefone *x*, ter a mochila *y*. E, se ele não for à Disney, ele tá fora do grupo, ele se sente excluído, aí a gente vai se sentir culpada. E aí você diz “eu nunca fui pra Disney e não é por isso que eu fui excluída” ou “tive menos oportunidades”, agora passou a ser um critério, 14 ou 15 anos; no ano que vem, meu filho vai para Disney, faz parte da formação escolar. Este ano, foram 12 ônibus, meu filho foi. Então você é classe média, mas você acaba vivendo como média alta porque seu filho tá no colégio *x* e aí é isso.

Seja em Barcelona, Nova York, Disney, Paris ou São Paulo, os espaços frequentados pelos residentes do Loteamento Aquarius estão ligados entre si por uma identidade comum delineada por seu pertencimento racial e de classe, definida não apenas localmente, mas também numa arena transnacional. Em espaços conectados entre si, seu comportamento e *habitus* de distinção social são reproduzidos e reafirmam aqueles praticados em “casa”, delineando redes de pertencimento, reciprocidade e afirmação indenitária. A socialidade dessas pessoas acontece entre condomínios e outros espaços de branquitude, associados entre si e atravessados por vias de asfaltos, pontes aéreas e redes sociais, em que elas podem se acolhidas e protegidas. Esses são espaços de branquitude, assim definidos não apenas pela cor da pele das pessoas que ali circulam, mas por tudo aquilo que o ser branco representa: poder, acesso a bens e serviços, privilégio, dinheiro e exclusividade de ocupação. Nestes lugares, pessoas de outras classes sociais e de outros grupos raciais não devem adentrar. E, se adentram, como é o caso dos variados tipos de trabalhadores que, cotidianamente, prestam-lhes serviços, este encontro deve estar marcado por uma relação de discriminação e subserviência, para que os marcadores de hierarquia sejam expressos de forma inequívoca e para que constrangimentos, tais como aquele citado no início deste artigo sobre a presença de um cliente negro numa academia de ginástica branca, não ocorram.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ocupar um espaço significa habitar, concomitantemente, uma identidade social, uma posição de classe, uma identidade racial, tudo isso associado a uma forma de pensar a sociedade e de experienciar o mundo. Esse processo, no entanto, não acontece espontaneamente, mas é o resultado de uma confluência de fatores e agentes sociais, instituições públicas e privadas, assim como indivíduos e grupos sociais, que organizam seus espaços, produzindo segregação e desigualdade. O Loteamento Aquarius se constitui numa área socialmente isolada e segregada, que cresceu baseada em uma lógica de expansão das classes médias, de um novo regime de produção capitalista e de uma nova forma de reprodução social e do espaço urbano. Procedendo a uma análise da ocupação do Loteamento Aquarius e os circuitos de seus moradores, procurei, neste artigo, evidenciar os aspectos raciais que conformam a geografia da cidade. Extremamente desigual, Salvador é uma cidade cindida, em que algumas áreas são desigualmente beneficiadas e protegidas, através de recursos públicos em associação com a iniciativa privada, enquanto outras são abandonadas pelo poder público, marginalizadas e criminalizadas. As áreas ocupadas pelas classes médias altas são espaços de ocupação exclusiva e excludente e também se constituem no que eu chamo aqui de espaços de branquitude. Neles, pessoas brancas ou embranquecidas sabem muito pouco sobre outros que não são de seu mesmo grupo social, limitando-se, nesse aspecto, ao contato com as pessoas que as servem, quase todas negras, das quais, porém, mantêm uma distância simbólica através de uma estrita etiqueta que enfatiza hierarquias sociais. Do ponto de vista dessas pessoas, as pessoas negras usualmente não aparecem em condições de igualdade; destas, “pouco se sabe, e muito se teme”. D entro de seus grupos de vizinhança, parentesco e redes de socialidade, entre seus iguais, um “pacto narcisístico”, como bem coloca Bento (2002), é gerado. Neste pacto, os brancos não se veem como parte do processo de discriminação e racismo, cujo resultado é assegurar os privilégios que lhes foram historicamente concedidos. Consideram-se merecedores da posição de superioridade de classe que ocupam, sem perceber que o sistema racista de supremacia branca foi que possibilitou e possibilita as vantagens materiais e simbólicas de que se beneficiam.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. B. *Expansão Urbana de Salvador: o caso da Pituba*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, 2003.
- ARANTES, R. *A Cidade do Medo: Segregação, Violência e Sociabilidade Urbana em Salvador*. In Cadernos do CEAS, Salvador, n.º 235, p. 45-73, 2015.
- AZEVEDO, T. de. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1955.
- BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BENTO, M. A. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, I. e BENTO, M.A. (Orgs.). *Psicologia Social do Racismo*. Editora Vozes, 2002.
- BRANDÃO, M. de A. O último dia da criação: mercado, propriedade, e uso do solo em Salvador. In: VALLADARES, Lícia (org) *Habitação em questão*. Editora Zahar, 1980, 125-42.
- BRITO, C. de C.T. *Impactos recentes na economia baiana e a expansão do bairro da Pituba*. Monografia de final de curso. Departamento de Geografia, UFBA, 1993.
- CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34 e EDUSP, 2000.
- _____. Qual a novidade dos rolezinhos? Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Novos Estudos*, 98, 2014.
- CARDOSO, A. e PRÉTECEILLE, E. Classes Médias no Brasil: Do que se trata? Qual seu Tamanho? Como Vêm Mudando? *DADOS, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 60, n.º 4, 2017, pp. 977-1023.
- CARDOSO, L. (Org.). O Branco-objeto: o movimento negro situando a branquitude. In Instrumento: *R. Est. Pesq. Educ.* Juiz de Fora, v. 13, n.º 1, 2011.
- CARVALHO, I. M. e PEREIRA, G. C. Segregação Socioespacial e Dinâmica Metropolitana. In: CARVALHO, I. M. e PEREIRA, G. C. (Org.). *Como Anda Salvador e sua Região Metropolitana*. Salvador, EDUFBA, 2006.
- CASTRO, N. A. Trabalho e Desigualdades Raciais: Hipóteses Desafiadas e Realidades por Interpretar. In: N. A. CASYTRO. & V. S. BARRETO (Orgs.). *Trabalho e Desigualdades Raciais. Negros e Brancos no Mercado de Trabalho em Salvador*. São Paulo, Annablume/A Cor da Bahia, 1998.

*Espaços de branquitude:
Segregação racial entre as classes médias em Salvador, Bahia.*

- DAVIS, M. *City of Quartz: Excavating the Future in Los Angeles*. Ed.Verso, 2006.
- DEMIER, F. e HOEVETER, R. (Orgs.). *A Onda Conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- ESPINHEIRA, G. Urbanização e Barbárie. *Revista da Bahia*, Salvador, v.29, nº.13, pp. 40-48, 1989.
- FRANKENBERG, R. *White Women, Race Matters: The Social Construction of Whiteness*. Minneapolis: The University of Minnesota Press. 1993
- ELLIN, N. (Ed.). *Architecture of Fear*. New York: Princeton Architectural Press, 1997.
- FANON, F. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- GOLDBERG, D. T. *The Threat of Race: Reflections on Racial Neoliberalism*. Oxford, Wiley-Blackwell, 2009.
- GUERREIRO RAMOS, A. O problema do negro na sociologia brasileira. *Cadernos do Nosso Tempo*, 2, 1954.
- GUIMARÃES, A. S. A. Estrutura e Formação das Classes Sociais na Bahia. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 18, pp.57-69, 1987.
- HASENBALG, C. Raça, Classe e Mobilidade. In: HASENBALG, C. e GONZALEZ, L. (Org.). *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.
- HEIMAN, R., FREEMAN, C. e LIECHTY, M. *The Global Middle Classes: Theorizing through Ethnography*. Santa Fe, SARS Press, 2012.
- LAMONT, M. *Money, Morals and Manners: the culture of the French and American upper-middle-class*. University of Chicago Press, 1992.
- LESSER, J. *Negotiating National Identity*. Durham e London, Duke University Press, 1999.
- LIMA, D. N. de O. *Sujeitos e Objetos do Sucesso: Antropologia do Brasil Emergente*. Garamond Universitária, 2008.
- LIPSITZ, G. *The Possessive Investment in Whiteness*. Florida: Temple University Press, 2006.
- _____. *How racism takes place*. Florida: Temple University Press, 2011.
- LOW, S. *Behind the Gates: Life, Security and the Pursuit of Happiness in Fortress America*. New York: Routledge, 2003.
- MAIA, S. M. Identificando a branquitude inominada: corpo, raça e nação nas representações sobre Gisele Bündchen na mídia transnacional.

- Cadernos Pagu* [online], nº.38, pp.309-341, 2012.
- _____. A Branquitude das Classes Médias: Discurso Moral e Segregação Racial. In: MULLER, T. e CARDOSO, L. (Orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris Editora, 2017.
- MILLS, C. W. *The Racial Contract*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.
- MOURA, C. P. de. A Fortificação preventiva e a urbanidade como perigo. *Série Antropológica*, Brasília, nº. 407, 2006.
- MULLER, T. e CARDOSO, L. (Orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba, Appris editora, 2017.
- NERI, M. *A Nova Classe Média*. Rio de Janeiro: CPS-FGV, 2008.
- NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v. 19, nº. 1. (1955, 1ed)
- OLIVEIRA, F. de. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe na Bahia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- OWENSBY, B. P. *Intimate Ironies: Modernity and the Making of Middle-Class Lives in Brazil*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999.
- PAIVA, E. F. Escravidão, dinâmicas de mestiçagens e o léxico ibero-americano. Perspectivas. *Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, N.º 10, June 2013, 11-24
- PINHO, P. de S. White but Not Quite: Tones and Overtones of Whiteness in Brazil. *Small Axe* 29, July 2009.
- PINTAUDI, S.; FRUGOLI JUNIOR, H. (Org.). *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: UNESP, 1992, pp. 05-25.
- PORCHMAN, M. *Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- QUADROS, W. *“O milagre brasileiro” e a expansão da nova classe média*. Campinas: IE/UNICAMP, 1991.
- REIS, A. D. Pardos na Bahia: casamento, cor e mobilidade social, 1760-1830. Perspectivas. *Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, n.º 10, pp. 45-62, 2013.
- REITER, B. Whiteness as Capital: Constructing Inclusion and Defending Privilege. In: Reiter, B. and G. Mitchell (Eds.). *Brazil's New Racial Politics*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2009, pp.19-34.

*Espaços de branquitude:
Segregação racial entre as classes médias em Salvador, Bahia.*

- ROEDIGER, D. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. Verso, 2007.
- SALATA, A. R. *A Classe Média Brasileira: posição social e identidade de classe*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- SAMPAIO, T. *Relatório dos Estudos e projetos para uma cidade nova: Cidade da Luz. Na Pituba, dos terrenos de propriedade do Sr Manoel Dias da Silva*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1919.
- SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: Annablumme, 2014.
- SANTOS, J. *A Cidade Poli(Multi)Nucleada: a Reestruturação do Espaço Urbano de Salvador*. Salvador, EDUFBA, 2013.
- SANTOS, J. T. dos. De pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX. *Afroásia*, n.º 32, 2005, 115-137.
- SKIDMORE, T. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989.
- SOUZA, G. A. e FARIA, V. (Org.). *Bahia de Todos os Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SOUZA, J. *Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOVIK, L. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2009.
- TEIXEIRA, M. C. *O [Des]Afeto do Público: a perda de áreas públicas de Salvador pelo instrumento de Desafetação (1979-2012)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2014.
- TELLES, E. (Ed.). *Pigmentocracy: Ethnicity, Race and Color in Latin America*. University of North Carolina Press, 2014.
- TRIGUEIRO, E. e CUNHA, V. O quarto da empregada: história de um apartheid imutável num espaço doméstico em mudança. In GUIMARÃES, V. (Org.). *Doméstica*. Recife: Desvia Editora, 2015.
- WARE, V. (Org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- WEINSTEIN, B. *Racializando as Diferenças Regionais: São Paulo x Brasil, 1932*. Revista Esboços, UFSC, v. 13, n.º 16, pp.281-303, 2006.